



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Giovanna Rech Medeiros

RELACIONAMENTO ABUSIVO: análise das narrativas e consequências de abuso relatado por
mulheres.

Rio de Janeiro

2023

Giovanna Rech Medeiros

RELACIONAMENTO ABUSIVO: análise das narrativas e consequências de abuso relatado por mulheres.

Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientadora: Valéria Fernandes de Carvalho

Rio de Janeiro

2023

Giovanna Rech Medeiros

RELACIONAMENTO ABUSIVO: análise das narrativas e consequências de abuso relatado por mulheres.

Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Aprovado em __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Valéria Fernandes de Carvalho
EPSJV/FIOCRUZ

Ingrid D'avilla
EPSJV/FIOCRUZ

Anna Violeta Ribeiro Durão
EPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro

2023

*Dedico esse trabalho a todas as mulheres que passam
ou passaram por um relacionamneto abusivo.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente adoraria agradecer à minha orientadora por ter tido toda paciência comigo, mesmo eu tendo passado de alguns prazos, ela sempre foi extremamente compreensiva, proporcionando todo o suporte sempre com uma palavra amiga, ou seja ele material principalmente, e dizer que tudo estava indo bem, sou muito grata por ter tido de tê-la como orientadora.

Agradeço à minha banca composta por duas mulheres incríveis que tive o prazer de conhecer durante esse período na escola.

Agradeço a minha Thayanne que sempre me ajudou muito em relação ao TCC, sem ela eu não teria conseguido.

Sou grata por todos os amigos que me apoiaram e me incentivaram como a Gabi, João Pedro, Julia.

Agradeço principalmente ao Juninho por nunca ter me deixado desistir por mais que eu pensasse nisso diariamente, sou muito grata a você meu bem.

Sou extremamente grata a mim mesma por ter conseguido fazer tudo o que fiz, pois duvidei diversas vezes se era capaz, e nesse finalrm dado certo.

Clarice Lispector
*(...) segunda-feira é
um dia mais difícil
porque é sempre a
tentativa do recomeço
de vida nova.*

RESUMO

A pesquisa objetiva analisar a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos, as consequências e os motivos que levam à incidência de relacionamentos deste tipo. Para tanto, buscaremos compreender a relação entre a cultura do machismo e a manutenção do relacionamento abusivo, mapear os efeitos do relacionamento abusivo para as mulheres e analisar as narrativas de mulheres que viveram relacionamentos abusivos e os motivos que as levaram a permanecer nestes relacionamentos. Utilizaremos o método qualitativo, através da revisão de literatura científica, artigos científicos e reportagens sobre relatos de mulheres vítimas de relacionamento abusivo, dados de órgãos públicos sobre violência contra mulher, sendo utilizados Google acadêmico e Google tradicional, tendo como referência os marcadores: violência contra mulher, relacionamento abusivo e machismo. A análise do material buscará responder às seguintes questões: quais as características do relacionamento abusivo contra mulheres? O que leva as mulheres a se manterem num relacionamento abusivo? Por que este tipo de relacionamento é tão comum em nossa sociedade? Como a cultura do machismo influencia no estabelecimento e manutenção deste tipo de relacionamento?

Palavras chave: violência contra mulher, relacionamento abusivo e machismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. OBJETIVOS	15
1.1.1. OBJETIVO GERAL.....	15
1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
2. METODOLOGIA	16
3. CAPÍTULO 1	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21

1. INTRODUÇÃO

O machismo é uma das estruturas constituintes da nossa sociedade, determinando desta forma o estabelecimento de relações assimétricas, baseadas na hierarquia entre os sexos, causando desigualdades a partir das diferenças sexuais, produzindo violências sobre as mulheres de diversos aspectos e dimensões, assim como, o estabelecimento e naturalização de relacionamentos abusivos.

De acordo com Barretto (2015) a relação abusiva é aquela onde predomina o excesso de poder sobre o outro. No caso de relações conjugais, esse comportamento abusivo pode ser expresso pelo “desejo” de controlar a (o) parceira (o), de “tê-lo para si”. Geralmente, esse comportamento se inicia de modo sutil e aos poucos ultrapassa os limites causando sofrimento e mal-estar.

Os casais que possuem relacionamentos abusivos passam por várias etapas. Com o decorrer do tempo e com o desgaste no relacionamento ou pelo esgotamento gerado pelas tentativas de fazer dar certo posteriormente às ações de violência do companheiro, ele se mostra arrependido e assegurando que haverá mudanças, mas as brigas, desentendimentos, incidentes e atos violentos, voltam a se reproduzir, assim se tornando um ciclo progressivo e relacional entre a vítima e o abusador (apud walker, 1979 apud Razera e Falcke, 2017, p. 546).

“Observou-se uma tendência dos casais a falar da violência como um padrão normal de relacionamento, o que se torna uma situação preocupante para os profissionais da psicologia e para a sociedade em geral” (Razera e Falcke, 2017, p. 559).

“Relacionamentos abusivos são marcados principalmente pela violência psicológica a que as vítimas são expostas. Violência que pode causar danos mais permanentes do que a própria violência física, levando jovens a quadros sérios de depressão e crises de ansiedade. E essa violência muitas vezes vem disfarçada pelo cuidado, pelo ciúme como prova de amor” (p.14).

As relações abusivas são marcadas pelo ciclo da violência, que possui, no geral, três etapas: aumento da tensão, ato de violência e arrependimento e comportamento carinhoso (WALKER, Lenore. 1979).

Aumento da tensão

Nessa etapa inicial, o agressor tende a se irritar por coisas insignificantes, podendo ter um acúmulo de raiva, destruindo objetos, humilhando e fazendo ameaças contra a vítima, que para evitar conflitos com o agressor não faz nada que possa “provocá-lo”.

Geralmente, a vítima se recusa a aceitar que isso está acontecendo com ela, esconde os acontecimentos de outras pessoas e justifica os comportamentos do agressor por achar que fez algo errado. Essa fase pode durar de dias a anos e é provável que evolua para a fase dois (WALKER, Lenore. 1979). Nessa segunda etapa, o agressor possui a falta de controle que o leva ao ato de violência contra a vítima, e se consolida em violência verbal, psicológica, moral, física e patrimonial.

Ato de violência

Nessa segunda etapa, o agressor perde o controle, levando-o a praticar o ato de violência contra a vítima, podendo esta ser violência verbal, psicológica, moral, física ou patrimonial. A vítima se impossibilita de reação, pois o agressor tem um grande poder destrutivo em sua vida. Nesse ponto ela sofre tensões psicológicas mais graves como insônia, perda de peso, fadiga constante, ansiedade e o constante medo, possuindo também vergonha, confusão e dor. Nesse momento, as decisões corriqueiras são: buscar ajuda e denunciar, se distanciar do agressor, se abrigar na casa de amigos ou familiares, pedir separação ou até atentar contra a sua própria vida (WALKER, Lenore, 1979).

“Até que a primeira agressão física veio. O ciúme sempre era pauta da briga dos dois. Mais uma vez, Mônica estava com ciúmes. Afinal, ela que era a desequilibrada e vivia fazendo drama para tudo. Eles estavam discutindo. Mônica se encontrava um pouco alterada por causa do álcool; eles estavam sozinhos. O cenário perfeito. Seu parceiro a arremessou ao chão com tanta força, que Mônica caiu e desmaiou. Mas o ‘príncipe’ a levou pra casa. E ainda contou uma história “romântica” para os pais de Mônica. ‘Disse que eu tinha socado ele e ele tinha só tentado se defender, porque era traumatizado com ex-namoradas violentas. Ele tinha uma lábia tão grande que até minha mãe ele enrolou com essa história. Até eu’” (Falchetto; Olivetto, 2017).

A autora salienta que a segunda parte do caso de ‘Mônica’ ocorre na segunda parte do ciclo da violência, quando ocorre a agressão física contra a vítima, e o abusador novamente justificava como de costume, culpando a vítima. Mesmo tendo ideia de que o seu relacionamento era abusivo, ela não possuía autoestima ou autoconfiança, para retirar-se desse relacionamento, pois tinha sido anulada pelo abusador que ela não tinha forças para sair desse relacionamento. “Eu me convenci de que teria que conviver com aquilo porque ficar ao lado dele era tudo” (Falchetto; Olivetto, 2017, p. 16).

Arrependimento e comportamento carinhoso

Na terceira etapa é chamada de “lua de mel”, e tem como característica o arrependimento do agressor, onde ele se torna amável para alcançar a reconciliação desejada. A mulher se sente confusa e pressionada para manter o relacionamento, assim renunciando a seus direitos, enquanto o agressor afirma que irá mudar.

Em determinados momentos a mulher se sente feliz pela demonstração de remorso, mudanças de atitudes e esforços dele, lembrando momentos bons. Além disso, ela se sente responsável pelo agressor, o que gera uma dependência, mas no fim tudo volta até a primeira fase novamente.

“O que ela mais temia tinha acontecido, um término. Ela ficou devastada, ele havia terminado; o que ela ia fazer? E agora? ‘Será que a culpa foi minha?’ Nesse momento, Mônica sentiu o peso de viver num relacionamento abusivo. Se abriu com os pais pela primeira vez, tentando de alguma maneira arranjar forças para se afastar e se livrar desse relacionamento de uma vez por todas. Mas, depois de três dias, bastou uma mensagem dele pra que toda coragem de Mônica caísse por terra. ‘Sinto sua falta’. Três palavras capazes de fazer com que ela esquecesse tudo, colocasse o orgulho de lado fosse teimosa, voltando e mostrando pro mundo o quanto ele a amava. Afinal, ele sentia sua falta. Estava arrependido. Que mal pode haver nisso?” (Falchetto; Olivetto, 2017, p. 16 e 17).

Pode-se perceber que o abusador retornou dizendo que sentia sua falta e que estava arrependido do que havia feito com ela, e a vítima aceita voltar com a esperança de que será diferente, que haverá uma mudança, mesmo após os diversos abusos recebidos por parte do agressor, a mudança jamais ocorrerá e se reproduzirá.

O machismo é uma das estruturas constituintes da nossa sociedade, determinando desta forma o estabelecimento de relações assimétricas, baseadas na hierarquia entre os sexos,

causando desigualdades a partir das diferenças sexuais, produzindo violências sobre as mulheres de diversos aspectos e dimensões, assim como, o estabelecimento e naturalização de relacionamentos abusivos.

“É indispensável avaliações específicas para melhor entendimento da dinâmica dos relacionamentos conjugais se torna algo fundamental para correlação com os aspectos que levam o casal com ocorrência violência persistirem juntos, sendo relações duradouras na maioria das vezes...” (RAZERA, Josiane; FALCKE, Denise, 2017, p 547-548).

Os relacionamentos abusivos deixam marcas físicas e psicológicas em quem os vive, porém, muitas vezes as vítimas recebem tratamento apenas quando se tem indícios de lesões corporais. Segundo (Falchetto; Olivetto, 2017).

“Relacionamentos abusivos são marcados principalmente pela violência psicológica a que as vítimas são expostas. Violência que pode causar danos mais permanentes do que a própria violência física, levando jovens a quadros sérios de depressão e crises de ansiedade. E essa violência muitas vezes vem disfarçada pelo cuidado, pelo ciúme como prova de amor” (p.14).

As relações abusivas são marcadas pelo ciclo da violência, que possui, no geral, quatro etapas: aumento da tensão, ato de violência e arrependimento e comportamento carinhoso (WALKER, Lenore. 1979).

Assistir a série "Bom dia, Verônica" despertou a reflexão acerca do relacionamento abusivo e como ele ocorre. A personagem principal (Janete) é vítima de violência doméstica, abuso emocional, financeiro e patrimonial. Ainda que essa história seja fictícia, o relacionamento abusivo faz parte da realidade de muitas mulheres no Brasil. Muitas dessas vítimas expõem, através de relatos, situações semelhantes ao contexto vivenciado pela protagonista da produção da Netflix.

A banalização de atitudes machistas, violentas, controladoras e abusivas é reflexa de uma sociedade moldada com base em costumes patriarcais. A constante inferiorização a que essas mulheres se sujeitam é fruto frequentemente de um determinado tipo de dependência (emocional e/ou financeira) dos parceiros.

Atualmente há muitos casos de homicídios passionais, onde as vítimas possuem histórico de relacionamento abusivo. O rompimento desse ciclo faz com que o sentimento de possessividade do agressor torne-se ainda mais intenso, já que este se sente proprietário da mulher.

No entanto, embora seja uma ocorrência frequente, ainda há certa banalização nesses casos. Diante desse cenário, é verossímil contestar a eficácia da justiça em proteger essas mulheres, já que as punições a agressões, ameaças e perseguição a estas possuem medidas judiciais brandas, que muitas vezes não inibem os companheiros de cometer esses delitos.

OBJETIVOS

1.1.1. OBJETIVO GERAL

Analisar o relacionamento abusivo, as consequências e os motivos que levam à incidência de relacionamentos deste tipo.

1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Expor a relação entre a cultura do machismo e a manutenção do relacionamento abusivo;
2. Mapear os efeitos e consequências do relacionamento abusivo para as mulheres;
3. Analisar as narrativas de mulheres que viveram relacionamentos abusivos e os motivos que as levaram a permanecer nestes relacionamentos.

1. METODOLOGIA

O método será qualitativo, a partir de uma revisão de literatura científica, através de artigos científicos e reportagens sobre relatos de mulheres vítimas de relacionamento abusivo, dados de órgãos públicos sobre violência contra mulher, sendo utilizados: Google acadêmico e Google tradicional. Tendo como referência os marcadores: violência contra mulher, relacionamento abusivo e machismo.

A análise do material empírico buscará responder às seguintes questões: quais as características do relacionamento abusivo contra mulheres? O que leva as mulheres a se manterem num relacionamento abusivo? Por que este tipo de relacionamento é tão comum em nossa sociedade? Como a cultura do machismo influencia no estabelecimento e manutenção deste tipo de relacionamento?

CAPÍTULO 1

Para MAURANO (2004) as mulheres possuíam o “poder biológico”, ou seja, elas eram responsáveis pela procriação, enquanto os homens possuíam um “poder cultural”. No tempo que as sociedades constituíam-se em coleta, as mulheres possuíam poder, coisa que não acontecera nas culturas patriarcais. Nas culturas primitivas havia a necessidade de ser cooperativa, de maneira que pudessem sobreviver nas condições hostis, havia um rodízio de lideranças, o relacionamento entre homens e mulheres acontecia de maneira fluída, o que não acontecia nas futuras sociedades que são patriarcais.

Os grupos matricêntricos, não havia guerra, pois havia pressão para nova conquista de territórios. A supremacia masculina, porque a coleta tornar-se escassa e recursos naturais esgotando-se, então se inicia a aquisição de novas regiões, as guerras se tornam mais constantes, os homens são considerados heróis guerreiros. (MAURANO, 2004).

“Nesse contexto, quanto mais filhos, mais soldados e mais mão-de-obra barata para arar a terra. As mulheres tinham a sua sexualidade rigidamente controlada pelos homens. O casamento era monogâmico e a mulher era obrigada a sair virgem das mãos do pai para as mãos do marido. Qualquer ruptura desta norma podia significar a morte. Assim também o adultério: um filho de Outro homem viria ameaçar a transmissão da herança que se fazia através da descendência da mulher. A mulher fica, então, reduzida ao âmbito doméstico. Perde qualquer capacidade de decisão no domínio público, que fica inteiramente reservado ao homem. A dicotomia entre o privado e o público.” (MAURANO, 2004).

De acordo com MAURANO (2004) assim se origina a dependência econômica da mulher, ao decorrer dos anos essa dependência se torna uma submissão psicológica, nesse contexto ao decorrer dos séculos se perpetua aos dias de hoje. A cultura humana se torna patriarcal.

Durante a idade média, as mulheres possuem acesso a artes, ciências e literatura, isso na época que a igreja católica estava em seu ápice, anos depois no final do século XIV até XVII ocorreu um fenômeno na Europa que foi denominado de repressão sistemática do feminino, ou popularmente conhecido como "caça as bruxas". (MAURANO, 2004).

A sociedade estabelece e determina relações assimétricas, onde cunhasse hierarquia entre os sexos, causando as desigualdades a partir das diferenças sexuais. Quando os homens que batem nas mulheres nas quais possuem relações afetuosas ou sexuais param de sentirem o poder, e as mulheres se sujeitam a isso pelo seu papel dentro dessa sociedade de cunho patriarcal (Porto e Bucher-Maluschke, 2012, p. 299).

Se houvesse a consciência de sua submissão, as mulheres não estariam sendo submissas às violências que seus conjugues executam, sejam eles seus companheiros ou de quaisquer outros homens da sua convivência afetiva ou familiar. Quando entendessem como do mesmo jeito que esse papel das mulheres serem subordinadas aos homens na sociedade foi criado, o mesmo pode ser desconstruído e elas não serem mais subordinadas, causando o rompimento de suas sujeições aos homens (Porto e Bucher-Maluschke, 2012, p. 299).

Fabeni *et al.* (2015) Precisasse fugir do binômio nefasto que coloca a mulher em uma situação de frágil e dependente do papel louca perante suas escolhas. Os fatores que levam a mulher a permanecer na relação violenta que convive ou não procurar o sistema de justiça, não se pode resumir à ilusória de amor romântico.

É indispensável avaliações específicas para melhor entendimento da dinâmica dos “relacionamentos conjugais se torna algo fundamental para correlação com os aspectos que levam o casal com ocorrência violência persistirem juntos, sendo relações duradouras na maioria das vezes...” (RAZERA, Josiane; FALCKE, Denise, 2017, p 547-548).

“O trabalho da psicologia precisaria abordar os sentimentos e as dores das mulheres que vivenciam a ligação com um parceiro definida como dependência emocional, com culpa e vergonha por algo que sofrem como se fossem elas que promovessem a situação e por isso a merecessem. Não se afirmar que as mulheres sejam culpadas por apanhar, mas a forma como sentem a situação promove um sentimento de ser responsável construído a partir do lugar social atribuído ao feminino e vivido por algumas mulheres como algo que as aprisiona apesar de lhes serem apresentadas possíveis saídas. Talvez seja preciso discutir não a culpabilização das mulheres que continuam em relações mediadas pela violência, mas corresponsabilização, que precisa ser considerada nesses casos” (Porto e Bucher-Maluschke, 2012, p. 305).

“[...] existem muitas evidências de uma ligação com os modelos intergeracionais aprendidos. Fenômeno esse que parece contribuir com a naturalização da violência, como se ela fosse parte de todo e qualquer relacionamento” (Razera e Falcke, 2017, p. 559).

É muito importante e necessário que se entenda sobre a dependência emocional, já que as mulheres que permanecem em relacionamentos de abuso e violência têm motivos complexos que vão muito além de sentimentos, se anulam como pessoa para priorizar o outro ou dependem deste para obter suporte nos aspectos afetivos, físicos e sociais (Silva e Silva, 2019 apud BACHENHEIMER, 2021).

As dificuldades em sair de uma relação assim podem passar por diversas questões, entre elas: econômicas, afetivas e emocionais, e pela burocracia, por ser um processo longo e cansativo. Sendo assim, a opressão e a submissão da mulher partem de fatores econômicos devido às propriedades privadas e também às classes sociais e às condições da mesma, que estariam atreladas ao modo de produção e reprodução (CRUZ *et al.*, 2019 apud BACHENHEIMER, 2021)

Essas mulheres, uma vez que passam por bons momentos, mesmo diante da violência, estão sempre esperando por uma mudança, atitude, ou até mesmo uma “gratificação” por parte de seu cônjuge, fazendo com que o ciclo de violência se repita e nunca termine (Silva e Silva, 2019 apud BACHENHEIMER, 2021).

Relatam sobre a dependência emocional das mulheres com relação aos seus companheiros, e que isso contribui para que elas permaneçam nessas relações, permitindo que seus parceiros possuam total capacidade para influenciar em suas decisões sociais (Silva e Silva, 2020 apud BACHENHEIMER, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa foi analisado o relato de mulheres a cerca de seus respectivos relacionamentos abusivo, foi notado que algumas atitudes abusivas já foram reproduzidas no dia a dia de muitas mulheres, e a banalização quase sempre ocorre.

Geralmente acontecendo por falta de conhecimento de ser uma atitude desse gênero, ou crendo que é o jeito do companheiro, ou tem algo externo deixando ele assim.

Esse trabalho teve como foco contribuir para a melhor compreensão do relacionamento abusivo, permanência das mulheres nesses relacionamentos.

REFERÊNCIAS

BACHENHEIMER, Danielle Alves da Silva. **A permanência das mulheres em relacionamentos abusivos: uma revisão narrativa de literatura.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 04, Vol. 08, pp. 168-176. Abril de 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/relacionamentos-abusivos>

FABENI, Lorena et al . **O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência.** Revista NUFEN, Belém , v. 7, n. 1, p. 32-47, 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 jun. 2023.

FALCHETTO, Giovanna Nascimento. **Livro-reportagem: relatos femininos de um relacionamento abusivo.** 2017. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Comunicação Social-Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/156570>.

MAURANO, Rose. **Martelo das feiticeras.** 2004.

PORTO, M.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.. **Violência, mulheres e atendimento psicológico na Amazônia e no Distrito Federal.** Psicologia em Estudo, v. 17, n. 2, p. 297–306, abr. 2012.

RAZERA, Josiane; FALCKE, Denise. **Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência.** Psicologia clinica. Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p.543-562, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 jun. 2023.

WALKER, Lenore. **The battered woman.** New York: Harper and How, 1979.